

CEDI - P.I.B.
DATA 05/09/86
COD SRD 08

PROJETO PLANEJAMENTO DE APRENDIZADO

Projeto de Educação Indígena a ser realizado entre os
Índios Kurui, do Parque Indígena Aripuanã,
Território Federal de Rondônia.

1. Em 21 de agosto de 1979 foi assinado o convênio FAPES/ISA/0000 que prevê em sua cláusula primeira a criação de uma Aula Fundamental, de cursos e programas de agricultura e orientamento de enfermagem, entre os níveis conjunta com o enfermeiro da FAPES, no Posto Indígena Sete de Setembro, Território Federal de Rondônia, para o grupo Kurui (grifo nosso).
2. Para a concretização desses objetivos definidos de maneira ampla como convém, faz-se necessário todo um trabalho prévio de levantamento da situação, de estudo do grupo, de sua cultura e língua, e das condições de contato entre índios e representantes da sociedade nacional.
3. De vista disso, vê-se a necessidade imediata de contatos freqüentes, constantes e intensivos com os Kurui, de modo a:
 - a) estabelecer fortes laços de amizade e confiança mútua;
 - b) ser integrado nos costumes do grupo (modo de vida);
 - c) conhecer seu ambiente geral e específicos no contexto da região;
 - d) iniciar estudo da Língua (largo prazo).
4. No que se refere ao estudo da Língua, há que se aproveitar do trabalho já realizado anteriormente pelos linguistas William e Carolyn Bentzen.
5. Prestar-se a participação dos professores encarregados da Aula Fundamental, no Curso de Metodologia Itinerante a ser realizado na França, de 22 de janeiro a 03 de março de 1979, organizado pelo Sucessor Instituto of Linguistics, visto por este o único curso especializado de curto prazo oferecido no Brasil.
6. No que se refere à Alfabetização, prevê-se inicialmente a elaboração de um programa de alfabetização dirigido, de modo especial, a jovens e adultos, por meios práticos e teóricos. Sendo que não é possível trabalhar imediatamente com a Lin-

que curui, e sendo que dentre alguns adultos e jovens têm um mínimo conhecimento de português, o programa deverá, de início, se restringir aos índios que, dentre estes, contaremos interessados. Além disto, torna-se sempre mais importante que as crianças recebam prioritariamente a educação tribal. A alfabetização, preferencialmente bilíngue, deve ser posterior e complementar à educação recebida no grupo. Acresce que tal ensino formal deve se adequar às necessidades práticas que surgem do contato entre índios e representantes da sociedade nacional.

7. Para a concretização do programa de alfabetização, há que se considerar:

- a) cultura e tradições dos curui (língua, costumes, organização social, divisão social do trabalho, fatores ecológicos, mudanças ocorridas após o contato com representantes da sociedade nacional);
- b) necessidades imediatas decorrentes do contato com representantes da sociedade nacional (recepção do trabalho, de troca, comercialização de produtos);
- c) atividades de subsistência do grupo (horários, épocas de plantio, colheita, cana, colete, pesca).

8. Como objetivo geral, o programa se propõe a colaborar na superação de determinadas dificuldades decorrentes do contato com representantes da sociedade nacional, bem como a promoção do grupo como tal, e não apenas de seus indivíduos isolados.

9. As instruções destinadas à moradia dos professores e ao funcionamento da Escola Fundamental devem se adequar à realidade local. Isto se refere ao modelo de construção e ao material a ser empregado, sendo o critério evitar introduzir técnicas e/ou material que criem dependência e que se mostram inconvenientes ao grupo neste momento. Repete-se que as construções começam, desde o inicio, com a participação do grupo na tomada de decisões como também na execução dos trabalhos, em conjunto com os professores e pessoal encarregado do Ponto Indígena.

10. A escolha do Local da Escola não é arbitrária. Ela corresponde a uma certa visão de mundo e um profundo conhecimento da área. Por isto, nada melhor que tal decisão seja tomada prioritariamente pelos *Indios* que estão interessados no projeto, em conjunto com os responsáveis pela Escola.
11. O presente projeto inclui contatos com periódicos com linguistas, peritos em educação indígena, antropólogos, missionários e indigenistas com crítica qualificada no trabalho com populações indígenas. Tais contatos se fazem necessários e fim de trocar experiências, que permitam crescimento no decorrer do trabalho, possibilitando uma avaliação constante e o aproveitamento de tentativas já realizadas. Há que se aprender dos erros e acertos do passado.
12. O progresso da alfabetização prevê o trabalho com *Indios* curuís do Ponto Indígena Sete de Setembro, bem como com o grupo Turuí da Linha 14, na nova Reserva.
13. Este planejamento provisório se estende de outubro de 1978 a março de 1979. Dado o caráter experimental deste início de atividades, que requer muita escuta, paciência, respeito e não menor sensibilidade nas relações com os *Turuí*, as atividades e linhas aqui expostas ficam abertas para modificação em função que o momento e/ou as circunstâncias assim o exigirem.
14. Cronograma de atividades
Agosto/78 - chegada ao Território e reconhecimento da região.
Setembro/78 - primeiros contatos com a FUNAI e com os *Turuí* do P.I. Sete de Setembro. Fixação de residência provisória dos professores em Rioninho, próximo à Sede do Parque Indígena Artiguani.
Outubro/78 - novos contatos com P.I. Sete de Setembro e início dos contatos com os *Turuí* da Linha 14.
Nov/dez/78 - início do estudo da língua com informante *Turuí*. Continuação dos contatos com outros os grupos, objetivando o encontro no ponto 3 acima.

4 -

Jun/1979 - Curso de Metodologia Linguística, em
Brasília (cf. programa anexo).

Marco/79 - reinício das atividades no P.I. Setor de Zootecnia,
e mudança da residência do Nicozinho para
o Posto.

Nicozinho, 16 de novembro de 1978.

Lori Altman

Lori Altman

Roberto F. Zwetsch
Roberto F. Zwetsch

c/cópias

FUNAI

Diretor do Parque Indígena Aruá-Macá
Secretaria de Nicanor da Silva

CURSO DE METODOLOGIA LINGÜÍSTICA, 1979

CURSO DE METODOLOGIA LINGÜÍSTICA (CML) (9 semanas)

Vista dar noções básicas sobre a ciência linguística, fornecendo a atenção do aluno sobre os seguintes aspectos:

Fonética: (1 hora/aula e 1 hora de exercícios por dia)

Introdução à teoria e prática da fonética articulatória, com exercícios visando capacitar o aluno a reconhecer, determinar, reproduzir e transcrever os sons da fala humana.

Aprendizagem de línguas: (1 hora/aula e 1 hora de exercícios por dia) Um método prático para aprender uma língua não escrita; conceitos básicos de fonologia e gramática; exercícios de aprendizagem.

Antropologia cultural: (um total de 30 horas/aula e 30 horas de exercícios) Teoria: estudo dos sistemas culturais.

Metodologia: métodos práticos de pesquisa. Aplicação prática: adaptação à uma outra cultura; valorização de outras culturas; comunicação transcultural.

Educação Bicultural: (um total de 30 horas/aula e 30 horas de exercícios) Produção de alfabetos, programa de alfabetização, confecção de cartilhas, estímulo à literatura de autoria indígena, formação de monitores bilíngues, etc.

Palentologia: abordando os seguintes assuntos:

sociolinguística, princípios de tradução, antropologia aplicada (facultativo). Serão dadas por professores visitantes de universidades brasileiras e povos nativos do Brasil.

No último semestre do curso, os alunos terão oportunidade de aplicarem seus conhecimentos a uma língua real, com a ajuda de um falante nativo. Involverão a aprendizagem daquela língua, expandindo pesquisas relevantes sobre outros temas afins. PREVISTO - 24 AULAS TRABALHO GRAVADO CASSETE (R\$ 20,00) PARA REPLICAR NA SEMANA DE APRENDIZADO DE UMA LÍNGUA.

O C.P.C. destina-se a pessoas que desejam trabalhar com povos indígenas, sendo também útil para a aprendizagem de línguas estrangeiras. Os participantes deverão ter completado o curso de grava.

Summer Institute of Linguistics
Caixa Postal 14-2221
70000 Brasília , DF